

PASSEIO ESPECIAL

SÃO PAULO DOS IMIGRANTES

ENTRE O PORTO E A CAPITAL



Material de formação

Apresentação

A construção da São Paulo Railway, a modernização do Porto de Santos, a criação da Hospedaria de Imigrantes do Brás e a criação da Bolsa Oficial de Café - e o seu posterior palácio - foram empreendimentos público-privados realizados entre 1865 e 1922 para atender ao mesmo objetivo: expandir a economia cafeeira do estado de São Paulo.

Antes da execução bem sucedida desses projetos, que garantiriam a mão-de-obra no campo, a logística de transporte, beneficiamento, armazenamento e escoamento da produção, assim como a classificação, cotação e negociação do café, as cidades de São Paulo e Santos eram pequenos centros urbanos, com cerca de 30 mil e 10 mil habitantes, respectivamente. O crescimento e a consolidação do café como um produto de produção em larga escala para exportação ocasionou no vertiginoso crescimento populacional e intensa urbanização em ambas as cidades.

No aniversário de 472 anos da fundação de São Paulo, o Museu da Imigração fez um convite à reflexão crítica sobre a história da cidade pela perspectiva da imigração e do café, e da relação com a cidade litorânea de Santos. O conteúdo desse material foi preparado e selecionado com a intenção de trazer uma breve contextualização e dados históricos, e também disponibilizar fotografias do nosso Acervo Digital que, quando devidamente analisadas, se tornam documentos. As informações que elas têm a fornecer dependem de quais perguntas e indagações quem as observa faz.

Esperamos que a leitura desse material te proporcione formular boas e importantes perguntas!

A Hospedaria de Imigrantes do Brás e o Museu da Imigração

A Hospedaria de Imigrantes do Brás foi local de passagem de cerca de 3,5 milhões de migrantes nacionais e internacionais que chegaram a São Paulo entre 1887 e 1978. Com obras iniciadas em 1886, o complexo de edifícios está situado às margens das linhas férreas que ligam os portos de Santos e do Rio de Janeiro ao interior paulista, e conta com uma estação ferroviária para o embarque e desembarque de imigrantes. Sua finalidade era sediar não só uma hospedaria, mas também uma rede de serviços e órgãos governamentais que realizassem a acomodação, organização, controle e colocação dos trabalhadores e suas famílias, provenientes de países europeus - especialmente Itália - nessa primeira fase.

Nesse período, os movimentos abolicionistas e as mais diferentes formas de resistência e luta de escravizados e libertos estavam em ebulição. Desde 1850, o tráfico de pessoas negras sequestradas de África estava proibido, e após diversas tentativas de postergar o fim desse regime, em 1888 o trabalho escravo foi legalmente abolido. Enquanto isso, o Império brasileiro e, depois, o governo republicano, aliado às elites econômicas e intelectuais, deu início a um projeto de embranquecimento da população brasileira.

Esse projeto incentivou, ostensivamente, a imigração europeia para o Brasil e a formação de colônias pelo território, enquanto promoveu a manutenção da segregação social e racial de toda a população negra, com a criminalização de práticas religiosas, culturais, e a exclusão de participação na vida política. O trabalho de pessoas negras escravizadas foi substituído pelo de imigrantes brancos europeus assalariados, e foi nesse contexto que surgiu a necessidade de construir uma hospedaria de imigrantes que encaminhasse esses trabalhadores para as cidades do interior do estado de São Paulo.

Sua localização era próxima ao centro da capital, porém afastada o suficiente para não expor a população às doenças epidêmicas que se proliferavam nos navios. Além de uma agência de colocação, onde os contratos de trabalho eram firmados, a Hospedaria possuía hospital, enfermaria, dormitórios, refeitório, correio e telégrafo, entre outras dependências. O tempo de permanência era de três a quatro dias, em média, podendo chegar até uma semana.

Durante esse período a rotina era rígida e protocolar, para garantir a eficiência na realização dos procedimentos sanitários, como higiene pessoal e vacinação, e de registro e colocação. Não era permitido sair da Hospedaria, para evitar que não retornassem e o investimento em toda a logística fosse em vão. Portanto, esse espaço transitório, entre uma vida que ficou para trás e outra que estava por ser construída, era, sobretudo, um território de controle, onde a tensão e as ocorrências eram constantes.

Após as suas primeiras décadas de funcionamento, a Hospedaria passou a receber um volume cada vez maior de migrantes brasileiros, que vinham, principalmente, da região nordeste, ao passo que a migração internacional já não era tão latente. Esse fluxo crescente de migração interna, impulsionado pelas dificuldades de subsistência das populações rurais de estados como Pernambuco e Bahia, e pela oferta de postos de trabalho nas indústrias e construção civil na cidade de São Paulo, modificou não só o perfil racial e socioeconômico dos trabalhadores que eram acolhidos na Hospedaria, mas também toda a sua lógica de funcionamento, pois o contexto histórico e as necessidades haviam se alterado.

Ao longo de sua história, pessoas de mais de setenta nacionalidades passaram pela Hospedaria, porém são os migrantes nacionais, brasileiros, que formam a maioria. Segundo os dados levantados em diversas fontes documentais, como os registros de matrícula, os números são cerca de 1,9 milhões de migrantes brasileiros e 1,5 milhões de migrantes internacionais, ao longo de noventa e um anos de funcionamento.

Após o encerramento de suas atividades, em 1978, os edifícios da antiga Hospedaria de Imigrantes foram tombados pelo órgão de proteção estadual do patrimônio, o CONDEPHAAT. Já em 1991, o complexo passou pelo tombamento do órgão municipal CONPRESP, e logo depois foi criado o Museu da Imigração (1993). Tornou-se Memorial do Imigrante em 1998 e, novamente, foi renomeado Museu da Imigração (2011), durante as obras de restauro das edificações, com inauguração em 2014. Desde então, está com as suas portas abertas ao público como um museu histórico, dedicado a tratar da temática da migração como um fenômeno histórico-social que faz parte da construção da sociedade brasileira no passado e no presente.





H.180 C3 46

Grupo de inmigrantes suecos

209



MI 122. AMB. 335. 21. 050. 001

Seiva de trabalhadores nacionais



H. 1. 258 G. 2 - F. 68

10002576

MI_ICO_AMP_046_003_049_001



H 7. 268 C. 3 - F. 69

Quinzeos nortistas vindos
por Pinapero



H.1.265 C.3-P.70

10002594
Grupo de crianças nortis-
Xas begadas por mau



MI-150 And. 042 001 072-001







Número Topográfico: MI_ICO_ALB_022_018_043_001





Número Topográfico: MI_ICO_ALB_019_084_028_001



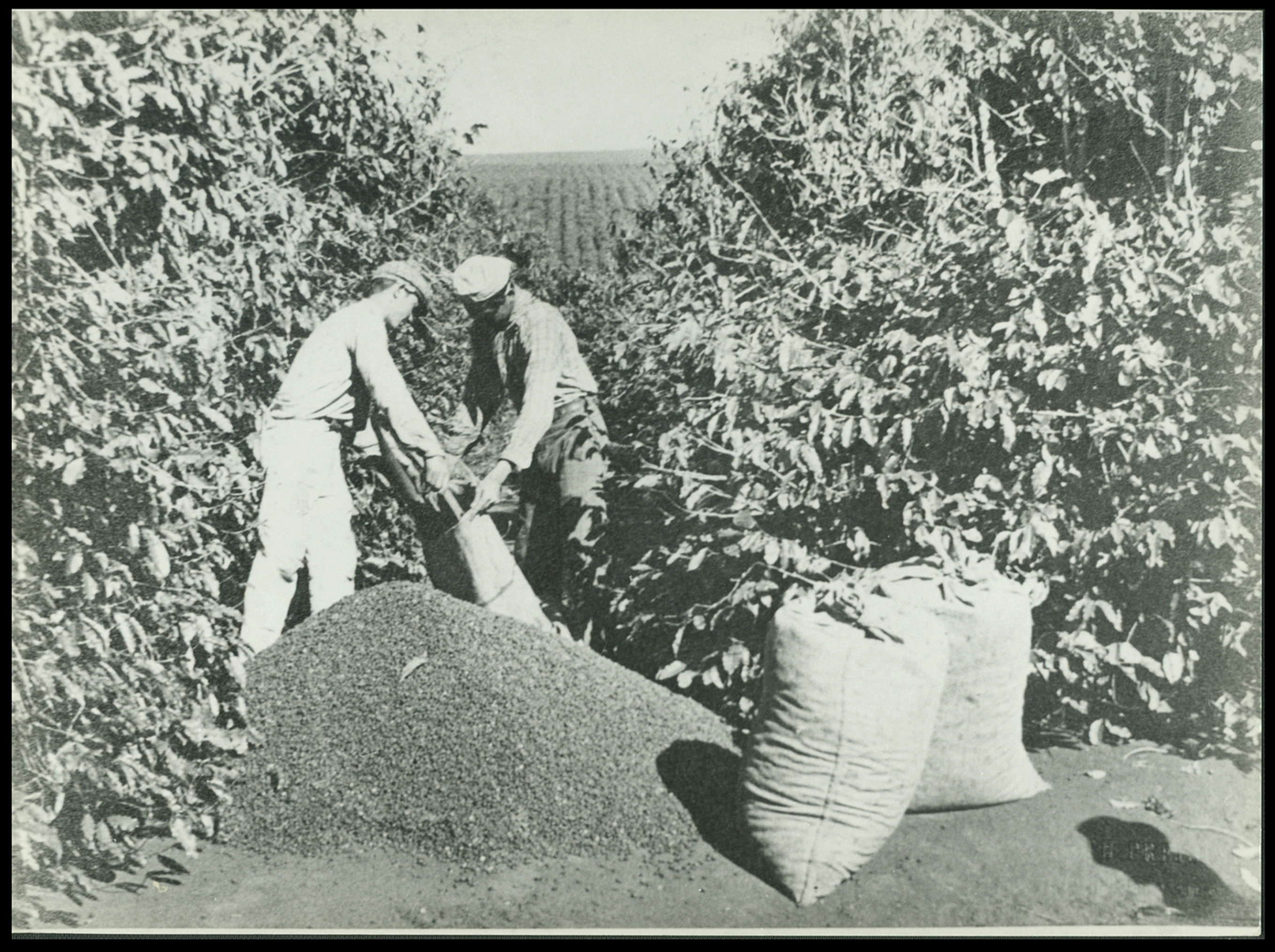


Número Topográfico: MI_ICO_ALB_019_077_008_001













SECCAGEM DO CAFÉ



*Núcleo Colonial Gavião Peixoto.
Casa de moradia de um colono-terreiro com café.*



Número Topográfico: MI_ICO_AMP_008_001_042_001

B009



*Núcleo Colonial Campos Salles
Lote de um colono com casa e cultura de algodão.*

A Bolsa Oficial de Café e o Museu do Café

A Bolsa Oficial de Café foi autorizada a funcionar por decreto do governo estadual em 28 de abril de 1917 para centralizar as operações e as informações comerciais sobre o produto, assim como registrar os negócios realizados pelos corretores oficiais. Além disso, oferecia um serviço de classificação de café. Funcionou em seus primeiros anos no andar térreo de um edifício na esquina entre a rua 15 de Novembro e rua do Comércio (antiga Sto. Antônio).

O número de corretores oficiais, não possuindo número fixo estipulado em estatuto, era de vinte e um em 1919, e em 1920 chegava a cinquenta e dois empossados. No dia 27 de janeiro de 1920 foi enviado ofício pela Secretaria da Bolsa Oficial e Câmara Sindical dos Corretores de Café ao Governo do Estado que dizia:

"O grande desenvolvimento que tem tomado os negocios a termo na Bolsa Official de Café, e, como consecuencia natural desse facto, o augmento sempre crescente do numero de corretores, que já attinge a 52 empossados, afóra mais dois que estão se habilitando, obrigam-me a pedir a V. Excia. providencias para que se inicie a construcção do edificio da Bolsa o mais breve possivel. Embora estejamos instalados em um dos maiores salões de Santos, os corretores se acham entretanto tão unidos uns aos outros e tão comprimidos pelos operadores, que lhes é penoso suportar o grande calor desta epocha, apezar de funcționarem no salão tres ventiladores. Alem disso o salão comporta apenas 46 cadeiras, de modo que lhes prejudica immensamente. O espaço para os operadores é tambem insufficiente e a aglomeração a que são obrigados lhes desagrada e é causa constante de reclamações, ocasionando muitas vezes a ausencia de muitos que assim deixam de operar em detrimento de seus interesses e da propria Bolsa que por essa forma tem seus negocios diminuidos".

No mês seguinte o Governo do Estado lançou um decreto declarando serem de utilidade pública os terrenos e prédios situados no local escolhido para a sede da Bolsa, autorizando suas desapropriações.

A inauguração do Palácio da Bolsa Oficial de Café, em 1922, integrou as Comemorações do 1º Centenário da Independência do Brasil junto com outros edifícios e monumentos. Longe de ser apenas uma data comemorativa, representou o esforço de vários estados – principalmente Rio de Janeiro e São Paulo – em construir uma imagem de modernidade e civilidade e firmar seu papel na identidade nacional. O edifício da Bolsa expõe o imaginário republicano paulista ao utilizar uma linguagem simbólica que, ao mesmo tempo que valoriza a presença dos bandeirantes no passado, propagandeia o progresso do café em seu tempo.

Inaugurado em 1998, o Museu do Café, instituição da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, é um dos principais pontos turísticos da cidade de Santos e do estado de São Paulo e tem como objetivo a preservação e divulgação da história do café no Brasil e no mundo. Por meio de objetos, documentos e recursos audiovisuais, a instituição mostra ao público como a evolução da cafeicultura e o desenvolvimento político, econômico e cultural do país estão ligados, desde meados do século XVIII até os dias de hoje.

Instalado no palácio da antiga Bolsa Oficial de Café, inaugurado em 1922, o Museu do Café tem como destaque do acervo o salão do pregão – composto por uma mesa principal e setenta cadeiras – onde eram realizadas as negociações que determinavam as cotações diárias das sacas de café. No mesmo espaço, o público tem a oportunidade de admirar as telas “O Porto de Santos em 1822” (1922), “A Fundação da Vila de Santos – 1545” (1922), “O Porto de Santos em 1922” (1922) e o vitral “A Epopeia dos Bandeirantes” (1922), obras de Benedicto Calixto (1853–1927).

Além de disseminar a história do café por meio da exposição de longa duração “Café, patrimônio cultural do Brasil: ciência, história e arte” e mostras temporárias, o Museu do Café conta em suas instalações com o Centro de Preservação, Pesquisa e Referência Luiz Marcos Suplicy Hafers, que disponibiliza publicações e documentos sobre o tema, e o Centro de Preparação de Café, que oferece cursos e oficinas para difundir o conhecimento sobre o preparo da bebida.

Mais do que o principal responsável pela preservação da história do café, o Museu do Café é também referência na comercialização do produto por meio de sua cafeteria. Inaugurada em 2000, a Cafeteria do Museu possui em seu cardápio diversas opções de bebidas que têm o café como principal ingrediente. Além disso, conta com grande variedade de grãos, produzidos em diferentes regiões do Brasil, à disposição dos visitantes para apreciar na hora ou levar para casa.

O Porto de Santos

Santos sempre esteve atrelada ao seu porto, desde a formação de seu povoado. Mas a cidade ganhou projeção nacional e internacional com o desenvolvimento da cafeicultura paulista, na segunda metade do século XIX, assumindo um papel central na logística exportadora do produto.

O café impactou a cidade em diferentes aspectos, como econômico, urbanístico, cultural e social. A população de 9.191 pessoas, em 1872, saltou para 88.967 em 1913, com um grande contingente de trabalhadores atraídos pelas oportunidades que surgiam na área portuária, ferrovia, comércio e construção civil.

Consolidou-se um complexo cafeeiro que contava com armazéns para estocagem, manipulação e ensacamento do grão, instituições voltadas à sua comercialização, como exportadoras, comissárias, corretoras e bancos, e uma estrutura logística para o transporte do produto até os navios.

A construção da ferrovia ligando Santos a Jundiaí foi um importante passo para a centralização do porto santista na exportação do café. Mais rápido, seguro e menos oneroso que as tropas de muares nos antigos caminhos coloniais, a estrada de ferro também permitiu que a produção se expandisse para regiões mais interiores no estado, alavancando a cafeicultura em São Paulo.

O aumento do movimento de mercadorias possibilitado pela ferrovia agravou os problemas já enfrentados pelo precário porto de Santos desde meados do século XIX. As reclamações dos comerciantes eram frequentes: demora na carga e descarga dos navios, mercadorias amontoadas no cais, sujeitas a deterioração e rapinagem, desorganização na Alfândega, e a vulnerabilidade de tripulação e trabalhadores às epidemias que assolavam a cidade.

A partir de 1869, inicia-se uma série de medidas direcionadas para a modernização do porto. Mas ela só se concretizou em 1888, quando o Governo Imperial autorizou o contrato para construção e exploração de um trecho do cais – da ponte velha da estrada de ferro até a Rua Braz Cubas – para a Gaffrée, Guinle e Cia (posteriormente Companhia Docas de Santos). Em 1892, o primeiro trecho de 260 metros do cais de pedra foi inaugurado com a atracação do navio Nasmith.

Nos anos seguintes, a empresa foi contemplada com novas concessões, avançando tanto no sentido do Valongo, quanto do Paquetá e, depois, aos chamados Outeirinhos, margeando o estuário e monopolizando o embarque e desembarque de mercadorias com a demolição dos antigos trapiches.

Em 1909, o porto já alcançava 4.720 metros, extensão que se manteve com pouca alteração até a década de 1940. Além da construção do cais de pedra, dos armazéns e dos silos, a companhia também aparelhou o porto com guindastes, esteiras, trilhos, vagões, e outros equipamentos.

A exportação de café foi a principal atividade do porto santista nas quatro primeiras décadas desde o início de sua modernização. Em 1909, foram 13.130.933 sacas, participando com 787.856 de um total de 822.237 toneladas de mercadorias exportadas, ou seja, 95,8% da movimentação.













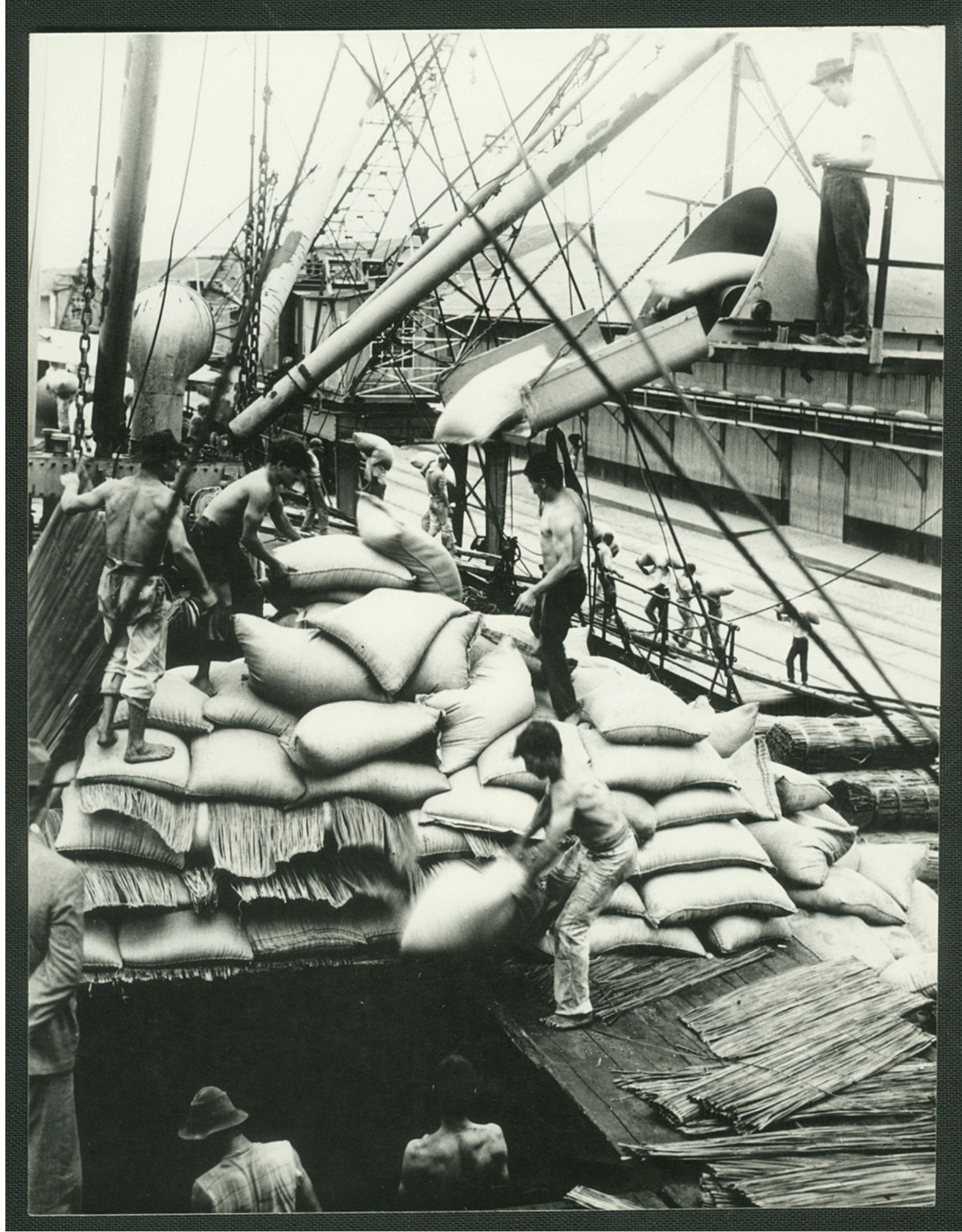




ARMAZEM DE CAFE - SANTOS



Número Topográfico: MI_ICO_AMP_019_001_022_001





Sacaras de cafe desendo para o porção do mesmo

MI_ICO AMP 056_005_004_001

Número Topográfico: MI_ICO AMP_056_005_004_001



Informações úteis

Museu da Imigração

Atendimento de Pesquisa no Centro de Preservação, Pesquisa e Referência - CPPR

O CPPR é um espaço dedicado ao atendimento especializado, onde é possível obter orientações sobre o Acervo Digital do Museu e solicitar auxílio de pesquisa de registros de imigrantes e documentos relacionados à história familiar. As solicitações de pesquisa podem ser feitas de duas formas: presencialmente ou à distância, por e-mail, conforme orientações e horários de funcionamento que constam abaixo.

Horário de atendimento presencial: de terça a sábado*, das 10h às 16h, sem necessidade de agendamento prévio.

*Exceto feriados e dias com grandes eventos no Museu. Recomendamos que verifique a [página do CPPR](#) no site do MI antes de programar a sua visita.

Contato pesquisa no Acervo Digital: pesquisa@museudaimigracao.org.br.

O prazo para retorno é de até 10 dias úteis.

Também é possível pesquisar no Acervo Digital do MI de forma autônoma, pelo site: [Acervo Digital](#)

Para saber mais

Acesse gratuitamente os materiais informativos:

[Ebook "Acervo Digital do Museu da Imigração"](#)

[Folder digital "Pesquisando no MI: O que você precisa saber"](#), sobre pesquisa de registros de imigrantes.

Exposição virtual *Dal Sogno alla Realtà: registros de uma jornada*

Dal Sogno Alla Realtà: registros de uma jornada é uma exposição virtual produzida pelo Museu da Imigração do Estado de São Paulo a partir de uma parceria com o Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri e della Cooperazione Internazionale, na Itália.

Os documentos cedidos pelo arquivo italiano apresentam registros inéditos sobre o processo migratório entre a Itália e o Brasil em fins do século XIX e início do XX, as burocracias envolvidas nos dias que antecediam a viagem e também as preocupações com acomodações e os cuidados sanitários antes, durante e após as viagens.

Acesse aqui: [Dal Sogno alla Realtà: registros de uma jornada](#)

Programa Amigos do Museu da Imigração

Criado em 2017, o Programa Amigos do Museu da Imigração (MI) é uma comunidade formada por todas as pessoas que desejam colaborar com os projetos desenvolvidos pelo MI. Ao juntar-se a nós, você estará ajudando o Museu da Imigração a promover o conhecimento e a reflexão sobre as migrações humanas, não só do passado, como nos dias atuais, valorizando a diversidade da formação social brasileira.



Os Amigos do MI têm direito a diversos benefícios, como acesso livre ao museu, descontos exclusivos e participação em experiências especiais durante um ano.

Saiba mais sobre o programa e apoie o Museu: [Apoie - Amigos do MI](#)

Museu do Café

CPC - Centro de Preparação de Café

Criado em 1999, o CPC tem o propósito de difundir o conhecimento acerca dos diferentes grãos e métodos de preparo de uma das bebidas mais tradicionais do mundo. Assim, por meio de cursos, degustações, oficinas e outros formatos de atividades, os amantes do café têm a oportunidade de se aprofundarem nesse universo.

Saiba mais sobre os cursos no site:

[Cursos do Centro de Preparação de Café \(CPC\).](#)

Para solicitar a inscrição de cortesia* no curso de Barista Básico, envie e-mail para: h.trindade@museudaimigracao.org.br

*Cortesia intransferível e válida até abril de 2026.

Exposição Virtual *Porto do Café*

A exposição “Porto do Café” apresenta a ótica de fotógrafos como Militão Augusto de Azevedo, Marc Ferrez e José Marques Pereira, que produziram imagens que transitam entre o artístico e o registro, retratando um período de quase cem anos em que o grão era o coração do porto de Santos.

Acesse aqui: [Porto do Café](#)

Ficha técnica

Organização, textos e diagramação

Andrezza Bicudo

Supervisora do Núcleo de Referência do Centro de Preservação, Pesquisa e Referência (CPPR) do Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Textos adaptados das exposições

Palácio da Bolsa Oficial de Café (virtual – Museu do Café)

Porto do Café (virtual – Museu do Café)

Imigrantes do Café (itinerante – Museu da Imigração e Museu do Café)

Revisão

Henrique Trindade

Coordenador do Educativo e de Formação do Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Ficha técnica

Fotografias

Acervo Digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Realização

